



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisual e Publicidade

Marias Mulheres Maranhenses
Em busca de um olhar sensível do feminino no interior do Nordeste

Pâmella Moraes
Orientadora: Prof. Dione Oliveira Moura

Brasília
2016

PÂMELLA MORAES

**“MARIAS MULHERES MARANHENSES: EM BUSCA DE UM OLHAR
SENSÍVEL DO FEMININO NO INTERIOR DO NORDESTE”**

Webdocumentário

Memória do projeto experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, sob orientação da professora Dione Oliveira Moura.

Brasília

2016

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisuais e
Publicidade

**Marias Mulheres Maranhenses: em busca de um olhar
sensível do feminino no interior do Nordeste**

Projeto experimental apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial
para obtenção do título de bacharel em
Comunicação Social – Publicidade e Propaganda

Banca Examinadora

Dione Oliveira Moura (orientadora)

Clarissa Motter (membro titular)

Dácia Ibiapina (membro titular)

Data 01/02/2016

“Maria, Maria/ É um dom/ Uma certa magia/ Uma
força que nos alerta/ Uma mulher que merece/ Viver
e amar/ Como outra qualquer/ Do planeta”

Milton Nascimento

Agradecimentos

À Universidade de Brasília, por ter me proporcionado os cinco melhores anos da minha vida até o momento, me dando muito mais do que eu consigo retribuir.

Às entrevistadas, que me trataram com todo o respeito e carinho possível, compartilhando comigo histórias íntimas sem saber o quanto estavam me ensinando.

À Beatriz Chaves, pela amizade e companheirismo ao longo da faculdade, deste projeto e da vida.

Aos meus amigos Otávio Andrade e Mariana Pedroza, pela ajuda, conselhos e disponibilidade em todas as etapas deste trabalho.

À Luara Fernandes, por simplesmente existir.

Às minhas amadas amigas, minhas Chicks, por tornarem minha experiência universitária incrível, estando presentes nas partes boas e ruins, mostrando a cada dia o valor das boas amizades.

À minha querida orientadora Dione Moura, por ser o exemplo de gentileza e competência que todo aluno deveria ter.

À minha família: avós, tios, primos. Por serem a prova viva de que o povo nordestino é forte, destemido e inspirador mas, principalmente, por me ensinarem que distância é só espaço, não sentimento.

Ao meu irmão, Marcus, por ser quem é: meu amigo, exemplo, fonte infinita de cuidados.

E, pelo apoio financeiro e psicológico, pelos sacrifícios, dedicação e amor, agradeço aos meus pais, João e Norma, migrantes nordestinos que nunca negaram suas raízes, fazendo com que elas dessem frutos em mim.

RESUMO

O trabalho tem como objetivo registrar a memória feminina dos povoados de Vazante e Formosa, interior do Maranhão, além de investigar como se dão as relações socioculturais e de gênero. Com esses relatos, o webdocumentário tenta construir uma imagem dessas mulheres, personagens que, ao mesmo tempo que são comuns no cenário nordestino, são singulares em suas histórias. Por meio de entrevistas, imagens atuais de onde vivem e com suporte teórico de autores que abordam o tema de memória, o projeto busca conectar essa realidade interiorana tão esquecida ao resto do mundo. O webdocumentário pode ser acessado em <http://projetomarias.com.br>

Palavras-chave: memória, Nordeste, Maranhão, mulheres, quebradeiras, webdocumentário.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Estrada de terra rumo aos povoados	29
Figura 2 – Casa na Vazante	30
Figura 3 – Terreiro das quebradeiras de coco-babaçu	33
Figura 4 – Quebradeiras de coco-babaçu e seus filhos	34
Figura 5 – Castanhas do coco-babaçu	35
Figura 6 – Cascas do coco-babaçu	35
Figura 7 – Bastidores de entrevista	36
Figura 8 – Bastidores de entrevista	38
Figura 9 – Marca do projeto	42
Figura 10 – Exibição do site	43
Figura 11 – Exibição do site	43
Figura 12 – Exibição do site	44
Figura 13 – Exibição do site	44
Figura 14 – Exibição do site	45
Figura 15 – Exibição do site	45
Figura 16 – Exibição do site	46
Figura 17 – Exibição do site	46
Figura 18 – Exibição do site	47
Figura 19 – Exibição do site	47
Figura 20 – Exibição do site	48
Figura 21 – Exibição do site	48
Quadro 1 – Cronograma de produção do projeto	50
Figura 22 – Imagem dos povoados	52
Figura 23 – Imagem de bastidores	52
Figura 24 – Imagem dos povoados	53
Figura 25 – Imagem dos povoados	53
Figura 26 – Imagem dos povoados	54
Figura 27 – Imagem dos povoados	54
Figura 28 – Imagem de bastidores	55

Figura 29 – Imagem de bastidores	55
Figura 30 – Imagem de bastidores	56
Figura 31 – Imagem de bastidores	56
Figura 32 – Arte com marca do projeto aplicada	57

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. PROBLEMA DE PESQUISA	12
3. JUSTIFICATIVA	13
4. OBJETIVOS	14
4.1. Objetivo geral	14
4.2. Objetivos específicos	14
5. REFERENCIAL TEÓRICO	15
5.1. Memória individual e coletiva	15
5.1.1. Historiografia oral	16
5.2. Maranhão: identidade e cultura	17
5.3. Mulher maranhense	20
5.3.1 Quebradeiras de coco-babaçu	21
5.4. Documentário memorial	23
6. METODOLOGIA	25
6.1. Pré-produção	25
6.2. A viagem	27
6.2.1. Planejamento	27
6.2.2. Na estrada	28
6.3.3 Filmagens	30
6.3. Pós-produção	39
6.3.1 Edição do material audiovisual	39
6.3.2. Site e marca	41
7. RESULTADOS	49
8. ORÇAMENTO	50
9. CRONOGRAMA	50
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
11. GALERIA	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58
REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS	61

1. INTRODUÇÃO

“Marias Mulheres Maranhenses” é uma coletânea de histórias, disponibilizada em forma de webdocumentário, que se propõe a retratar a vida das mulheres no interior do estado do Maranhão por meio de depoimentos daquelas que lá vivem.

O trabalho está dividido em quatro eixos: Maranhão, Mulheres, Imagem e Memória.

Considerado o Estado com a população de menor faixa de renda *per capita* da federação¹, o Maranhão ainda sofre com problemas que fogem à realidade do brasileiro médio. Por ter como atividades econômicas predominantes a agricultura e a pecuária², 36,9% da população ainda vive no meio rural³ e é um mistério para o resto do país. Não surpreendente, o maranhense, quando retratado, cai no estereótipo do nordestino: o homem com gibão e peixeira, a la Lampião.

Compondo a maioria da população (50,46%)⁴, as mulheres maranhenses sofrem com os ônus de viverem no segundo pior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano)⁵ do país. Violência doméstica, discriminação de gênero, mortalidade infantil e acesso precário à saúde e educação são alguns dos problemas que acompanham o baixo IDH.

A proposta de algo baseado em imagem surge com meu primeiro contato com projetos imagéticos, que se deu pelo *Humans of New York*⁶. Com fotografias simples, mas ainda assim potentes, o fotógrafo Brandon Stanton aborda pessoas que vivem em Nova Iorque e as apresenta por meio de seus próprios depoimentos. Da mesma maneira, atrelado a relatos em primeira pessoa do repórter, o *Na Beira da Copa*⁷ é um registro das expectativas de brasileiros interioranos em relação à Copa do Mundo de 2014. Ambos exemplos são bastante focados em texto e fotografia que, apesar de soarem o mais pessoal possível, não me pareceram suficientes.

¹ Fonte: IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ma> Acesso em 19/08/2016.

² Fonte: FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. "Economia do Maranhão "; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilescola.uol.com.br/brasil/economia-maranhao.htm>>. Acesso em 19/08/2016.

³ Fonte: IBGE. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=21&dados=0> Acesso em 19/08/2016.

⁴ Fonte: Portal Imirante. Disponível em: <http://imirante.com/sao-luis/noticias/2014/11/15/populacao-de-homens-cai-quase-0-5-no-maranhao-aponta-ibge.shtml> Acesso em 19/08/2016.

⁵ Fonte: Brasil Escola. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/brasil/o-idh-no-brasil.htm> Acesso em 19/08/2016.

⁶ Projeto fotográfico do estadunidense Brandon Stanton, disponível em: <https://www.facebook.com/humansofnewyork/> Acesso em 19/08/2016.

⁷ Projeto do jornal Zero Hora em parceria com a fábrica automobilística Fiat, disponível em: <http://nabeiradacopa.tumblr.com/> Acesso em: 19/08/2016.

O exemplo audiovisual veio do webdocumentário *Human*⁸, que reúne histórias de pessoas do mundo inteiro, abordando diversos assuntos, de guerra à felicidade, buscando entender o que significa ser humano. Por meio de entrevistas, as personagens ganham voz e podem falar, sem grandes edições, à sua própria maneira.

O objetivo geral do projeto acaba em torno do seu último eixo: criar uma memória audiovisual por meio das histórias dessas mulheres. Retratar e dar espaço para que elas contem suas vidas e as particularidades de serem quem são, viverem onde vivem, trabalharem da maneira como trabalham. Tudo isso de maneira que transmita mais do que informação e, sim, a sensibilidade que as mulheres maranhenses merecem.

⁸ Projeto audiovisual do cineasta e artista Yann Arthus-Bertrand, disponível em: <http://www.thehumanproject.us/> Acesso em 19/08/2016.

2. PROBLEMA DE PESQUISA

Ao assumir que a temática deste projeto final seria o feminino no interior do Maranhão, o principal desafio com o qual me deparei foi separar a minha visão do Estado e suas mulheres – construída ao longo dos anos, no convívio familiar e fora dele – do resultado final.

Por ter crescido com uma forte presença da cultura maranhense, os lugares e personagens me soavam como um lugar-comum. Para quem nunca foi ao Nordeste, em especial a região do interior, compreender o contexto dos povoados, a fala das personagens e suas rotinas de vida fica mais difícil. Para isso, era necessário criar um cenário introdutório, onde o espectador pudesse viajar junto comigo e, ao acompanhar as histórias, compreendê-las.

Outro problema percebido desde o início era a desconstrução do meu próprio olhar. Apesar de acostumada com o contexto do local, poucas foram as vezes que eu de fato havia conversado para saber mais sobre a vida das mulheres que moravam por ali. Tudo o que eu acreditava que elas viviam não passavam disso: crença. Me abrir para os seus relatos sem julgamentos e ideias pré-concebidas era essencial para que o documentário evoluísse e fosse verdadeiro.

Além disso, havia o fato de que o ambiente era realmente muito familiar. Meu avô nasceu e cresceu na Vazante, casou-se e mora lá até hoje com minha avó. Minha mãe também começou a vida ali, tendo a mesma rotina das mulheres do documentário. Eu sabia que voltar lá seria um exercício de autoconhecimento, de aproximação da história da minha família, de reconstrução da minha própria memória. Durante as entrevistas, descobri parentescos que nunca havia ouvido falar, fui constantemente relacionada à imagem de minha mãe quando jovem e percebi que era preciso dividir o quanto minha proximidade e sensibilidade com o lugar e com as pessoas poderia interferir no encaminhamento do projeto.

3. JUSTIFICATIVA

Filha de dois maranhenses, desde pequena fui acostumada ao calor, ao sertão e ao Guaraná Jesus gelado. Mesmo nascida e morando em Brasília a vida inteira, o interior do Nordeste sempre foi um lugar comum aos meus olhos. Com viagens semestrais que chegavam a se estender em até dois meses no período das férias escolares, também desde pequena fui apresentada (dessa vez como espectadora) à miséria generalizada, ao estereótipo e também à quebra dele. Em Brasília, a realidade não chegava nem perto daquela nordestina. Matriculada em colégios particulares caros, a vida sempre foi repleta de privilégios que eu sabia não serem para todos.

Muito me irritava a maneira como os nordestinos eram retratados na grande mídia. Em jornais ou novelas, a imagem era a de que o Nordeste é um grande bloco homogêneo, eternamente representado pelo sertanejo ignorante, esfomeado, fugindo da seca e falando com um sotaque pernambucano marcado. Não que esse tipo não exista, mas está longe de ser o nordestino em sua totalidade.

Por ser mulher, nasci já insatisfeita com o patriarcado. Assim como a maioria, tive uma criação machista que não se encaixava nem um pouco na minha personalidade. Mas, claro, eu morava em uma metrópole e tinha muito mais acesso e oportunidade do que a absoluta maioria das mulheres com quem convivia no interior do Nordeste. Essa diferença se fez ainda mais intrigante quando descobri o feminismo na universidade. Por meio de leituras e às vezes pessoalmente, conheci grandes estudiosas feministas (Judith Butler, Simone de Beauvoir, Joan Scott, bell hooks) que acenderam em mim o desejo de realizar estudos de gênero. Também na faculdade, aperfeiçoei algo que antes era hobby: escrever. Contar histórias virou meu trabalho e estudar sobre isso, uma paixão.

Pela importância que esses temas ocupam na minha vida, produzir algo que os unisse fez total sentido. O registro de uma memória, por meio uma coletânea de histórias, que seja fiel às suas interlocutoras, ressalte o protagonismo das mesmas e seja possível de ser experimentado mesmo à distância é esse algo.

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

- Construir um registro da memória de mulheres maranhenses a partir de seus próprios relatos, compreendendo o feminino e seu protagonismo.

4.2 Objetivos Específicos

- Elaboração de um webdocumentário que recontre as histórias das personagens de maneira sensível.
- Retratar essa parte específica da população e disponibilizar informações para pessoas que procurem sobre.
- Trazer para o maior número de pessoas a realidade do interior maranhense.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho encontrou forte base nos estudos do sociólogo francês Maurice Halbwachs (2004). O primeiro contato se deu por meio de pesquisas próprias já para o desenvolvimento deste trabalho. Logo após, outras leituras relacionadas a ele me foram requisitadas em duas disciplinas distintas que abordavam memória.

A partir das definições apresentadas por Halbwachs (2004), defini quatro eixos fundamentais que serviram de referencial teórico para o trabalho: memória individual e coletiva; Maranhão – identidade e cultura; mulher maranhense; e documentário.

5.1. Memória individual e coletiva

Na obra *A Memória Coletiva*, Halbwachs afirma que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, já que a origem de várias lembranças é inspirada pelo grupo e as experiências passadas que o atravessaram. Além disso, o autor aponta:

Haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que - para distingui-lo das percepções onde entram elementos do pensamento social - admitiremos que se chame intuição sensível (HALBWACHS, 2004: p.41).

Logo, apesar das memórias individuais sofrerem forte influência da memória coletiva, existe ainda um estado de consciência individual puro, a intuição sensível. É essa intuição sensível permeada pela memória coletiva que o documentário procura captar. As experiências individuais, que até certo ponto traduzem também a experiência do coletivo, sem deixar de ser uma história particular e própria.

Já Pierre Nora (1993), historiador francês, destaca a memória como algo vivo, parte de grupos vivos, sempre em evolução. Ela é vulnerável às manipulações, revitalizações; se alimenta de detalhes, lembranças vagas, particulares ou simbólicas e é sensível à transferências.

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente (...). A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre

prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada (NORA, 1993: p.9).

Na busca por uma definição de memória, Nora a considera oposta à ideia do que é História. Ao contrário de memória, História demanda análise e está ligada à continuidade. Considerando essas diferenças, esse trabalho não tem e nunca teve intenção de fazer História propriamente dita. A intenção aqui não é fazer memória em si (uma vez que ela já existe), mas sim construí-la e registrá-la.

Abordar essas memórias de maneira individual é, ao mesmo tempo, abordá-las em grupo. Dessa forma, o documentário pretende ser como um grande quebra-cabeça, onde as peças (no caso, as histórias) estão interligadas formando uma imagem muito maior. Assim, há espaço para enxergar, entender cada pedaço e construir uma noção de grupo mesmo por meio do relato individual.

5.1.1. Historiografia oral

O relato falado foi, por muitas vezes ao longo do tempo, considerado menos confiável do que aquele documentado em papel. Por depender exatamente da memória do indivíduo em questão, historiadores mais conservadores não consideram esse tipo de coleta de informação como a mais adequada. No livro *Usos e Abusos da História Oral*, Marieta de Moraes e Janaína Amado (2006) argumentam que este tipo de testemunho vem carregado de nostalgia da idade avançada, pode sofrer pela deterioração física e tendências pessoais do entrevistado, além de também poder ser influenciado pelas versões oficiais dos acontecimentos.

Com a evolução dos estudos historiográficos orais, essas possíveis desvantagens do testemunho oral foram consideradas parte da reconstrução histórica. Alistair Thomson (1997), historiador australiano, defende o contato com a memória viva e, partindo das suas ideias, percebi que o relato oral documentado em vídeo seria capaz de tornar visíveis expressões, pausas e sentimentos muitas vezes engessados pelo papel.

Procuramos explorar a relação entre reminiscências pessoais e memória coletiva,

entre memória e identidade e entre entrevistador e entrevistado. Na verdade, geralmente estamos tão interessados na natureza e nos processos de afloramento de lembrança quanto no conteúdo das reminiscências que registramos, e a relação entre as imagens e o conteúdo das reminiscências tornou-se de extrema importância na análise e no uso do testemunho oral (THOMSON, 1997: p.54).

É importante perceber que, ao entrevistar alguém sobre determinado acontecimento, uma demonstração de emoção ou confusão em relação aos fatos pode dizer mais do que um papel carimbado; é possível conseguir respostas tanto com palavras quanto com o silêncio. O documentário, por trabalhar não apenas com texto mas também com imagem, faz com que seja possível captar todas essas peculiaridades.

5.2. Maranhão: identidade e cultura

O Estado do Maranhão tem uma complexa e vasta história. Habitado originalmente por povos indígenas, que hoje vivem em reservas demarcadas ou territórios tradicionalmente ocupados⁹, o Maranhão foi explorado desde a época das capitânias hereditárias, tornando-se território disputado e ocupado pelas mais diversas potências europeias. Geograficamente localizado metade na Amazônia e metade no Nordeste, sofreu com as invasões do período colonial e tudo o que elas traziam: a escravidão, as lutas contra os povos indígenas (até hoje em guerra com latifundiários em muitas regiões do estado) e o esquecimento em um país onde o sul era, e ainda é, prioridade.

Com a única capital da federação fundada por franceses (e que também é tombada pela ONU¹⁰ como Patrimônio Histórico da Humanidade) e uma considerável população negra (cerca de 75% do total)¹¹, a formação da cultura maranhense se deu baseada na

⁹ Fonte: Funai – Fundação Nacional dos Índios. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas> Acesso em 20/09/2016.

¹⁰ Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/cultura/world-heritage/list-of-world-heritage-in-brazil/> Acesso em 20/09/2016.

¹¹ Fonte: Portal G1 Notícias. Disponível em: <http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2012/11/negros-representam-74-da-populacao-do-maranhao-diz-ibge.html> Acesso em 20/09/2016

mistura de várias culturas, algumas delas oprimidas em detrimento de outras.

Durante praticamente toda a primeira metade do século XX, enquanto se louvavam através de celebrações, festas e outras comemorações os símbolos maranhenses eurocentrados, tentava-se disciplinar ou mesmo banir práticas como o bumba-meu-boi e o tambor de mina (BARROS, 2010: Revista TOMO p.194).

Segundo Barros, os desentendimentos por conta da dominação de terras criaram pequenas guerras civis dentro do próprio Estado, onde os grupos de pessoas pobres e excluídas da sociedade rebelavam-se contra as autoridades políticas (portuguesas e maranhenses). A maior dessas revoluções foi, sem dúvida, a Balaiada, que espalhou terror pelo interior do Maranhão e foi contida em 1841 pelo Duque de Caxias, também a custo de muita violência.

O Estado vive seu ponto alto no período da Guerra de Secessão (1861-1865), que destrói a economia estadunidense, principal fornecedora de algodão para a Inglaterra, abrindo espaço para que o Maranhão tomasse uma fatia do mercado. Nesse período de prosperidade, a cultura da região cresce junto ao Liceu Maranhense e a presença de Gonçalves Dias, um dos maiores poetas brasileiros.

Apesar da época áurea ter passado e o algodão ter entrado em decadência alguns anos depois, são visíveis as marcas históricas desses períodos: a população de maioria negra, explorada nas plantações; a influência africana nas religiões¹², festividades, sotaque e cultura; e o latifúndio como principal forma de exploração agrícola¹³.

Outro fator importante na formação do estado é o seu clima. Com clima tropical, o Maranhão possui mangues na região litorânea, Floresta Amazônica à oeste e cerrado na região sul. Sujeita à secas e inundações, além da pobreza extrema e falta de condições básicas - herança da colonização e do coronelismo - a população acaba por exercer a migração. No interior do estado, os dependentes do extrativismo vegetal e da agropecuária muitas vezes não encontram outra saída.

¹² Fonte: IBGE. Disponível em:

http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=ma&tema=censodemog2010_relig Acesso em 23/11/2016.

¹³ Fonte: IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=ma&tema=censoagro> Acesso em 23/11/2016.

O autor justifica a diáspora ocorrida no Estado como resultado da concentração da terra e da renda; a desarticulação da pequena produção de alimentos básicos e do extrativismo de babaçu; a ineficácia das políticas agrícolas (...) e a ausência de políticas públicas voltadas ao atendimento de demandas básicas – saúde e educação – para a área rural (MESQUITA, 2011: *apud* NUNES e SILVA, 2016).

Até meados dos anos 60 e 70, o Maranhão sofria com o esquecimento e a falta de conexão ao resto do país, além da pobreza extrema. As historiadoras Tamires Rosy Mota Santos e Polliana Borba (2012) apontam:

O Maranhão do período dos anos 60 é um retrato da pobreza, da fome e do abandono da população e descaso das autoridades, tornando-se terreno apropriado para que fosse possível concretizar os anseios de melhoria divulgados nos discursos da política. Em contrapartida começa uma verdadeira expulsão em massa dos camponeses de suas terras, para darem lugar a essas melhorias, ocasionando também um inchaço populacional urbano da cidade (2012: p.7)

A partir do regime militar e do governo estadual de José Sarney, o Estado entra no período conhecido como “Maranhão Novo”. Por meio da criação da SUDEMA (Superintendência de Desenvolvimento do Maranhão), a política de avanço e reformas desenvolvimentistas tomou forma concreta. Como é possível observar no documentário de dez minutos “Maranhão 66”¹⁴, de Glauber Rocha, o discurso de posse do então governador é totalmente focado nessa mudança de era, na promessa de um Maranhão livre da miséria, mais industrial e acompanhando o desenvolvimento do resto do Nordeste.

Para isso, surge mais um ponto importante do primeiro governo Sarney: a Lei de Terras¹⁵ de 1969. Conhecida por ser a lei que “reinventou o latifúndio”, milhares de hectares de terras públicas foram distribuídas à interesses particulares, que visavam a agropecuária e a indústria em larga escala, ignorando completamente o fato de que ali habitavam camponeses há séculos.

As grandes mudanças de infraestrutura vieram muitos anos depois, quando o

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t0JJPFruhAA> Acesso em 23/11/2016.

¹⁵ Lei de Terras, nº 2979, aprovada em 17 de julho de 1969, consensualmente responsabilizada nos estudos históricos pelo latifúndio e fortalecimento das relações capitalistas no campo maranhense.

Maranhão começou a fazer parte do Projeto Grande Carajás¹⁶, iniciativa do governo através da empresa estatal Vale do Rio Doce para a exploração mineral. A necessidade de conexão trouxe obras para o sudoeste do Maranhão e, especialmente, São Luís. A ferrovia construída na época, utilizada para o escoamento das riquezas encontradas ali e no Pará, é utilizada até hoje e movimenta a economia da região. Ainda por conta do projeto, o Maranhão foi beneficiado com a chegada da Eletronorte, empresa que garante a integração energética com a usina de Tucuruí, no Pará.

Todas essas medidas, no entanto, foram feitas às custas da dignidade do maranhense pobre, mudando muito pouco a realidade do dia-a-dia de trabalho e miséria a qual são submetidos até hoje.

5.3. Mulher maranhense

As mulheres sofrem com violência de gênero das mais diversas formas, seja física, psicológica ou imagética. É necessário, no entanto, realizar um corte social e racial quando se analisa o contexto e as consequências dessas violências. Recorte social porque a mulher maranhense nascida no seio da capital, na classe média, é completamente diferente da criada no interior, moradora da área rural. E recorte racial porque, em um Estado onde 75% da população é negra, ser branca traz diferenças consideráveis.

Preteridas ao longo da História, encontrar informações que tracem um perfil preciso sobre a mulher maranhense é especialmente difícil. A historiadora maranhense Marize Helene de Campos (2008), diz:

(...) ainda que as pesquisas sobre a temática no Brasil venham crescendo, alguns entraves, como a escassez e a fragmentação de documentos, a existência de um mercado editorial tímido para as publicações, a falta de debates sobre o tema e a concentração de pesquisas na região sul-sudeste permanecem conservando lacunas em regiões como, por exemplo, o Maranhão, onde as pesquisas históricas sobre mulheres estão em fase inicial (2008: p.34)

¹⁶ Mais informações em: <http://historiacsd.blogspot.com.br/2011/06/projeto-carajas.html> Acesso em 23/11/2016.

Apesar do senso-comum tornar mais fácil imaginar essa mulher maranhense pobre como alguém submissa e carente de voz própria - uma vez que vive num cenário predominantemente machista -, a realidade é diferente. Diante da quantidade de afazeres e da necessidade de toda força de trabalho possível, as mulheres tem papel importante na rotina familiar.

A passividade, alimentada como mito há anos, não encontra espaço nesse ambiente, e o fato delas trabalharem, desde muito cedo dentro e/ou fora de casa, lhes dá algum tipo de poder na família, seja ele econômico ou moral.

5.3.1. Quebradeiras de coco-babaçu

As mulheres maranhenses que mais tem destaque e são mais estudadas são, de longe, as quebradeiras de coco-babaçu. Conhecido como a Terra das Palmeiras, o estado do Maranhão conta com coqueirais espalhados ao longo de todo seu perímetro. Tudo do coco-babaçu é aproveitado: seu azeite (utilizado como alimento ou base para fabricação de sabão), sua castanha e até mesmo sua casca, que é transformada em carvão.

Fonte de sustento de muitas famílias, a atividade conta com organizações específicas que lutam por reconhecimento e melhores condições de trabalho. Na década de 90, duas organizações não-governamentais de peso foram criadas: o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) e a Associação em Áreas de Assentamento do Estado do Maranhão (ASSEMA). Ambas auxiliam as trabalhadoras rurais e agroextrativistas majoritariamente na região do Médio Mearim, onde ser quebradeira é muito mais do que uma profissão.

A partir de outras perspectivas, os agroextrativistas também concebem os babaçuais como um elemento marcante de suas identidades, culturas e histórias, e como recurso natural com forte potencial econômico, totalmente aproveitável. Para além e em contato com a importância econômica do babaçu, estabelecem-se relações de sentimentos e afetos; às questões econômicas e ao nível pragmático-utilitário articula-se um modo culturalmente específico de ser e existir (BARBOSA, 2008: p.3).

Ao contrário da ideia de restringir a mulher ao ambiente doméstico, essas mulheres são dedicadas ao trabalho também fora de casa, encarando uma dupla jornada e não sendo imunes ao machismo em nenhum dos ambientes os quais estão inseridas.

Assim como se verifica na sociedade mais ampla, existe uma divisão de trabalho que define tanto o lugar feminino quanto o masculino no espaço sócio-histórico das quebradeiras de coco. A quebra do coco babaçu é realizada principalmente por mulheres, o que não significa dizer que efetivamente os homens não quebrem coco. De todo modo, a atividade simbólica e “oficialmente” destinada aos homens é a agricultura, sendo comum que eles coletem o coco para suas esposas/companheiras quebrarem. A idealização do homem como chefe da família e, portanto, provedor, contribui para que a renda feminina do extrativismo seja vista apenas como uma mera ajuda na manutenção familiar. Contudo, contrariamente, algumas mulheres afirmam ser tal sustento garantido pela sua renda (BARBOSA, 2008: p.10).

O foco do trabalho se concentra nessas mulheres. Moradoras de regiões isoladas, em geral povoados adjacentes aos municípios, que muitas vezes conheceram energia elétrica e saneamento básico já na vida adulta. Trabalham desde muito cedo em atividades domésticas ou relacionadas ao cultivo da terra, e são responsáveis pelos cuidados da casa e dos homens. Buscar suas vozes, opiniões e histórias é o propósito de todo o documentário.

5.4. Documentário memorial

Walter Benjamin (1987), filósofo alemão, dizia que é uma característica do homem moderno estar subordinado ao esquecimento. Nesse sentido, é interessante observar como o trabalho do documentarista se aproxima ao do historiador; na busca pelo registro do outro, a memória é a linguagem de ambos.

Ao contrário de outros gêneros de filme, o documentário se compromete com uma narração do real. Em seu artigo “O documentário como chave para a nossa memória afetiva”, para a Revista Intercom, Cassio dos Santos Tomain (2009) afirma que “o cineasta caracteriza o documentário como um valioso lugar de memória, uma vez que, segundo Nora, estes lugares só existem porque os grupos sociais veem seu passado

ameaçado pelo esquecimento”.

Apesar de servir como um registro histórico, o documentário não deixa de ter sua própria perspectiva, sua própria voz. A liberdade criativa na narrativa está sempre presente, por meio de elementos de imagem (movimento de câmera, edição e montagem) ou textuais (trilhas sonoras, argumento e roteiro) diretamente influenciados por quem o realiza.

Portanto, o que nos interessa em um documentário não é o que ele testemunha, registra, mas como opera um discurso fílmico sobre o passado, levando em consideração a sua tríade identitária: registro in loco, criatividade e ponto de vista. É do encontro do cineasta com os atores sociais que se procura reconhecer a “verdadeira imagem do passado”, aquela que perpassa veloz, num instante como um relampejar, antes que ela desapareça para sempre (TOMAIM, 2009: p. 59).

Exatamente por conta dessa liberdade de criação do documentarista, o documentário não pode ser levado como um carregador da verdade absoluta. O discurso da obra é composto tanto pela realidade das personagens quanto pela visão da realidade de quem o faz, como aponta o pesquisador espanhol Arnau Gifreu Castells:

Su manera de expresarse radica en la selección y la ordenación de sus hallazgos, y las decisiones que toman convierten el discurso que transmiten al mundo, siempre enmarcados dentro de su subjetividad individual. Cada selección del documentalista se traduce en la expresión de un punto de vista determinado, consciente o inconsciente, reconocido o no reconocido. Barnouw (1996:312-313) opina que un documental no puede ser considerado "la verdad", sino la prueba o el testimonio de un hecho o una situación, enmarcado dentro del complejo proceso histórico (2013: p.39).

Essa proximidade com a subjetividade individual é também um dos fatores que afasta o documentário da reportagem. Apesar de ambos terem uma natureza similar, a reportagem se mantém mais distante dos recursos artísticos, com uma postura mais austera e próxima do estilo direto do jornalismo puro.

Já o estilo indireto do documentário, que traz um olhar diferente para a realidade, também é transmitido quando ele migra para a internet. Em seu artigo

“Webdocumentário: implicações dos recursos tecnológicos digitais na composição estrutural e narrativa do formato”, Egle Müller Spinelli aponta:

Tanto nos documentários como nos webdocumentários normalmente são abordados assuntos que dão mais ênfase aos conteúdos ligados à atualidade, os quais impulsionam a audiência a refletir e tomar consciência sobre o seu papel na sociedade. Como coloca Arlindo Machado (2011: 08), “o documentário é uma produção instituída por sujeitos que se interrogam sobre o mundo” (2013: p.180).

Além disso, o webdocumentário, com esse formato relativamente novo, entrega ao espectador a possibilidade de construir a narrativa diante da sua própria linearidade. Ao acessar a história da maneira como lhe interessa, a tecnologia proporciona que a experiência do filme seja cada vez mais individual.

É partindo deste princípio que a forma de webdocumentário foi escolhida a mais adequada; por tratar de uma narração de um encontro de realidades (a minha e a das personagens), de maneira mais fiel possível, com uma perspectiva pessoal e que, por essa junção, torna o trabalho completo.

6. METODOLOGIA

A elaboração deste trabalho contou com três etapas: pré-produção (pesquisa teórica), a viagem em si (produção) e a pós-produção.

6.1. Pré-produção

A ideia inicial do projeto era de fazê-lo em forma de livro, com fotografias que ajudassem a compor o imaginário do leitor. Depois de pesquisas de projetos semelhantes (especialmente *Humans of New York* e *Na Beira da Copa*) e algumas mudanças no objetivo do trabalho, as fotos começaram a parecer insuficientes para o que eu gostaria de alcançar.

Durante a pesquisa da parte teórica, a busca era por referências que embasassem a ideia de mostrar as personagens e suas vozes, com o mínimo de intermediários nesse meio. Através das leituras descobri um acervo enorme de documentários e webdocumentários; estudei seus papéis como registro de memória e suas validades como arquivo histórico. Além disso, a pesquisa de linguagem se deu assistindo e analisando essas obras, das mais diversas temáticas, observando o estilo de câmera, os cortes, a montagem e as trilhas sonoras.

Dois trabalhos em especial foram de extrema importância:

Sobre Fronteiras (Brasil, 2014)

Disponível em: fronteirasdoc.com

Data de acesso: 20 de julho de 2016

Produzido por Nívea Ribeiro, graduada pelo Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, o webdocumentário traz vídeos, pequenos textos e fotografias, se propondo a reconstruir parte da história do município de Fronteiras, no interior do Piauí. Para isso, o projeto se baseou em depoimentos das pessoas que lá viveram ou ainda vivem, além de um trabalho belíssimo de resgate de fotografias antigas.

Transposição (Brasil, 2015)

Disponível em: <https://vimeo.com/185891704>

Data de acesso: 17 de agosto de 2016

Este documentário, idealizado e produzido por Mariana Pedroza e Isabela Resende, também graduadas pelo Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, retrata a situação das pessoas afetadas pela transposição do rio São Francisco. Durante 14 dias de viagem por três estados brasileiros no Nordeste do país, as repórteres compilaram imagens e personagens surpreendentes, oferecendo um novo olhar de uma situação que se arrasta por anos.

Apesar das temáticas diferentes, ambos os projetos foram concebidos como trabalhos de graduação, produzidos na região Nordeste e com recursos muito parecidos com os que eu disponibilizava na época.

Após a coleta dessas referências, o documentário se mostrou a melhor forma de expressão e fazê-lo em versão web a maneira mais adequada devido à sua dinâmica (a não-necessidade de linearidade) e à facilidade de distribuição e acesso.

A partir daí, a pesquisa passou a girar em torno do local, da criação da entrevista e da seleção das possíveis personagens. Até esse momento, todo conhecimento que eu possuía era puramente empírico. Visitas semestrais e convivência com algumas mulheres no interior maranhense me deram noção do que poderia ser pesquisado, mas nada disso tinha fonte acadêmica. O primeiro passo foi, então, procurar estudos sobre o Estado e a situação de suas mulheres, além de me aprofundar na linguagem de documentário (que não era minha área de expertise).

A maioria dos estudos relacionados à mulheres maranhenses eram da área de saúde. Estudos técnicos, recheados de números que pouco ou nada ajudavam na construção do projeto prático. Aos poucos, artigos e revistas relacionados à cultura foram sendo localizados e se relacionando ao que eu já havia experimentado no Estado; primeiro sobre literatura, depois sobre comunidades indígenas até chegar em quebradeiras de coco, mulheres, suas identidades e o machismo sistêmico. Foi também dessa maneira que descobri que a região que eu havia escolhido previamente como campo de pesquisa concentra uma grande quantidade dessas trabalhadoras.

De posse dessas novas informações, estruturei a entrevista seguindo os seguintes tópicos:

- Infância e criação em família
- Relacionamentos amorosos (namoro e casamento)
- Trabalho e sustento da casa
- Diferenças de gênero
- A visão do que é ser mulher

Assim, o webdocumentário poderia cobrir tanto assuntos que já haviam sido pesquisados quanto aqueles que não encontrei nada sobre. Com toda a teoria na bagagem, parti, então, para a prática.

6.2. A viagem

6.2.1. Planejamento

Mesmo quando não tinha noção de qual formato seria este produto, já estava definido que ele seria realizado no Maranhão. Comecei a procurar passagens aéreas cerca de um mês e meio antes da data limite que estabeleci como prazo para que desse tempo do trabalho ser feito (ainda sem saber o que, de fato, seria feito).

A busca por um/uma docente que pudesse orientar o projeto da melhor forma começou ao mesmo tempo em que decidi falar sobre um assunto tão pessoal para mim. Queria retratar o Maranhão não de uma maneira dura, puramente informativa, mas sim de uma maneira sensível, que traduzisse um pouco do turbilhão de sentimentos que sinto sobre aquele lugar. Apesar de nunca ter sido aluna da professora Dione Moura, sabia que ela era a pessoa certa; eram muitas as recomendações de seu trabalho e seu currículo deixava claro o quanto ela também prezava pelo retrato sensível das coisas.

Uma vez que decidi pelo webdocumentário, percebi que seria difícil viajar e filmar tudo sozinha, já que ninguém da minha família tinha tempo ou conhecimento suficiente para me ajudar em relação às filmagens. Acabei convidando Beatriz Chaves, ex-aluna da graduação de publicidade da UnB e amiga de longa data, a qual já havia trabalhado

comigo em outras situações e que se prontificou rapidamente a me acompanhar.

Presidente Dutra - MA foi escolhida a cidade que seria meu porto seguro, não por ser a mais próxima dos povoados, mas principalmente pela estrutura que existe ali: a maior parte da minha família ainda mora lá, podendo oferecer hospedagem e meios de transporte. As passagens foram, então, compradas no trecho Brasília-Teresina, já que o trajeto Teresina-Pres. Dutra é feito quase que na metade do tempo de São Luís-Pres. Dutra.

Das câmeras utilizadas (foram duas, ambas do modelo Nikon D3100), uma era de uso próprio e a outra foi cedida pela Faculdade de Comunicação, assim como o microfone de lapela, tripé e gravador de áudio. Dessa forma, meu gasto com equipamentos foi nulo, pois também já possuía cartões de memória e baterias. Configurei as câmeras para que filmassem em 1080p pois, mesmo sabendo que isso influenciaria no tamanho dos arquivos posteriormente, a prioridade era a alta qualidade da imagem.

6.2.2 Na estrada

Desembarcamos, Beatriz e eu, em Teresina no dia 21 de setembro de 2016, uma quarta-feira à noite. Sem possibilidade de pegar um ônibus devido ao horário de chegada do voo, passamos a noite na casa de minha prima Caroline Lima e no dia seguinte seguimos para o interior.

Teresina, capital do Piauí, faz fronteira com o Estado do Maranhão e só é necessário atravessar uma ponte para chegar na cidade de Timon, já terras maranhenses. Minha prima nos levou até a rodoviária de Timon na esperança de que lá houvesse mais opções de horários de ônibus. Paradas na estação, o primeiro companheiro da nossa viagem se apresentou: o calor. O período de setembro à dezembro é considerado o mais quente do ano na região e nesse dia os termômetros marcavam torturantes 45°C. Depois de uma longa espera, nosso ônibus saiu às 15h, chegando ao seu destino às 21h.

Somente na sexta-feira, dia 23, foi possível ir aos povoados. Para chegar lá é necessário pegar a BR-MA 226 em direção à cidade de Tuntum, para depois entrar numa estrada de terra que corta vários povoados adjacentes ao município. Depois de mais ou menos 1h30, 20km de poeira, buracos e pontes artesanais precárias, finalmente

chegamos.

Figura 1 - Início da estrada de terra depois do único povoado asfaltado, o Creoli do Bina, município de Tuntum – MA.



Créditos: Beatriz Chaves

Meus avós vivem até hoje na Vazante e foi na casa deles que nos hospedamos. Depois de dois dias que havíamos chegado, eu não tinha nem tirado a câmera da bolsa e já me sentia esgotada da viagem. A sensação de que o tempo disponível (dez dias no total) não seria suficiente começou a sondar os planos iniciais. Decidida a otimizar cada segundo que pudesse, optei por passar o final de semana lá e, na segunda-feira, avaliar o andamento das coisas novamente.

6.2.3. Filmagens

Acordamos cedo no sábado, 24, e decidi que a primeira entrevistada seria Mundica, minha avó. Não estava nos meus planos entrevistá-la, mas analisando as mulheres que eu tinha em mente, faltava uma figura de mais idade. Além disso, pela minha falta de experiência, achei que começar com alguém que eu conhecia bem poderia me ajudar a treinar como levaria a entrevista.

Vó Mundica tem um perfil diferente da maioria, pois é aposentada e possui uma condição financeira mais abastada. Por terem trabalhado com gado e tocado um negócio próprio (uma madeireira), meus avós possuem a maior quantidade de terras na região. Mesmo sendo idosos e não trabalhando com agricultura há muito tempo, ambos são conhecidos, respeitados e levam uma boa vida por conta disso.

Figura 2 - A casa dos meus avós, grande e de alvenaria, e o curral ao fundo.



Créditos: José Francisco Carvalho

Mesmo com essa diferença, eu sabia que a entrevista da minha vó renderia boas histórias por conta da época em que sua juventude se passou. Esse contraste de tempos era algo que eu procurava para o documentário, e escutá-la expressar opiniões tão enraizadas em pensamentos antigos e muitas vezes contrárias às minhas foi um exercício de autocontrole.

Essa primeira experiência foi essencial para que Beatriz e eu conhecêssemos os equipamentos e as condições que tínhamos: no meio da entrevista, uma das câmeras superaqueceu e apagou (apesar do pouquíssimo tempo de uso, a temperatura ambiente já batia os 35°C), e os vaqueiros tiraram o gado do curral enquanto filmávamos (o que prejudicou todo nosso andamento). Aos poucos fui percebendo que éramos nós quem teríamos que nos adaptar ao local e não o contrário.

Apesar de estar disposta a procurar mulheres desconhecidas para entrevistar, já havia feito uma lista prévia de possíveis personagens. A primeira delas era a Laene, que é casada com Jairo, afilhado de minha avó Mundica, e também mora na Vazante. Nós nos conhecemos desde a adolescência e eu sabia que sua história de ter largado a escola para casar aos 14 anos representava muitas meninas da região.

Ao chegar na casa dela, me deparei com um ambiente cheio. Eu não sabia, mas aquele sábado era dia de vacinação do gado, um evento com direito a almoço especial e reunião familiar. Foi assim que conheci Dona Maria, mãe de Laene e a primeira quebradeira de coco-babaçu com quem tive contato. Além de ir ajudar na preparação do almoço, Maria também varre o terreiro de minha avó todo final de semana, junto da filha e de Isabel. Contei do meu projeto à todas, combinei com Maria uma visita à Formosa, povoado onde moram as quebradeiras da região, além de entrevistar Laene e Isabel ali mesmo.

Pouco antes de começar a entrevista com Isabel, minha tia me contou que dois dias antes da minha chegada havia ocorrido um feminicídio e que a vítima era cunhada de Isabel. As duas estavam juntas em uma festa quando a moça foi assassinada depois de negar à investida de um homem. Segui a entrevista na dúvida se deveria ou não abordar um assunto tão delicado e recente. Somente depois que desligamos a câmera perguntei sobre o ocorrido e se ela se sentia confortável de contar a história para o documentário. Ela concordou e, à medida em que falava, me entristecia não só a história em si, mas também o tom de aceitação de que nada nunca aconteceria com o responsável pelo crime. Aos 20 anos, Isabel já sabia como funcionava a relação homem-mulher, achava injusto ser rebaixada pelo seu gênero mas tinha convicção de que não poderia mudar muita coisa. Terminei a entrevista com o sentimento de que a realidade é bem diferente do que se aprende na academia e que eu havia sido muito arrogante de achar que sabia algo sobre o que essas mulheres passavam diariamente.

De maneira geral, as primeiras entrevistas tinham um tom alegre. As entrevistadas achavam muito engraçado serem objetos de interesse para alguém, riam para a câmera e se desinibiam aos poucos. Isso mudou quando decidi bater à porta de Dona Eva, outra vizinha de minha avó, que conhecia de vista. A casa dela era a mais precária de todas ali, feita de taipa (uma mistura de barro e cascalho) com chão de terra batida. O tom da entrevista foi mais sério, tanto pelo teor das histórias que ela contava – uma vida mais sofrida do que as de suas vizinhas – quanto pela sua própria personalidade.

Terminei o sábado e continuei o domingo, 25, fazendo imagens do ambiente, do pasto, das poucas casas e de detalhes da casa da minha vó. Voltei à Presidente Dutra no domingo à noite e, depois de analisar as entrevistas, percebi que precisava de outros perfis de mulheres além das donas de casa. Para isso precisaria me locomover entre os povoados e pedi um carro emprestado à um dos meus tios. Independente, voltei lá na terça-feira, dia 27, busquei Laene e sua filha Dafni em casa e fomos atrás de Dona Maria e suas amigas quebradeiras.

Cheguei na casa de Dona Maria no período da tarde, em meio à quebração de coco. O cenário, mesmo que há menos de 5km da Vazante, era completamente diferente. Enquanto a Vazante é cercada de pastos por conta da atividade pecuária, Formosa é no meio dos coqueirais. O barro das casas de taipa se mistura ao verde vivo das palmeiras altas, cheias de palha e coco.

Figura 3 - Terreiro das quebradeiras de coco, localizado no fundo de suas casas, em Formosa, município de Tuntum – MA.



Créditos: Pâmella Moraes

Ao me ver chegar carregada de equipamentos e fios, as quebradeiras ficaram em êxtase. Perguntavam várias vezes porque eu queria saber sobre elas e o que fez eu vir de tão longe; não acreditavam que sua rotina tão comum poderia ser interessante para alguém. Quando comecei a buscar um lugar para filmar Dona Maria, todas pediram que fosse ali mesmo no terreiro, no meio das pilhas de coco e das galinhas, pois elas queriam acompanhar como a entrevista era feita. Assim, todas interromperam o trabalho e sentaram em círculo, curiosas com o que eu poderia perguntar.

Figura 4 – Quebradeiras e seus filhos no terreiro. Sentadas: Dayane, Maria e Sandra. Em pé ao fundo: Laene, com seu filho Guilherme e Lucicléia. Na frente: Lauani (filha de Sandra), Dafni e Érica (filha de Lucicléia).



Créditos: Beatriz Chaves

Maria foi a primeira e seu tom espontâneo perante a câmera serviu de incentivo para as que estavam mais tímidas. Logo pude perceber que, por ser a mais velha e experiente, ela era a líder entre as outras. Assim, ela fez questão de explicar como tudo funcionava: as cinco mulheres ali presentes moram uma ao lado da outra e utilizam o terreiro do quintal em comum como local para quebrar os cocos. Elas trabalham em forma de cooperativa, em conjunto e dividindo o lucro das vendas; coletam cocos caídos do terreno que fica ao fundo de suas casas, extraem dele sua castanha e azeite e vendem o litro por, em média, dez reais. A casca e a palha do coco também são aproveitadas e viram carvão, tudo sempre dividido entre elas. Dessa forma, tiram do babaçu tudo que podem e nada é desperdiçado.

Figura 5 - O “bago”, a castanha retirada de dentro do coco-babaçu.



Créditos: Pâmella Moraes

Figura 6 - A casca, que posteriormente é queimada e transformada em carvão, e coco-babaçu ao fundo.



Créditos: Pâmella Moraes

As entrevistas seguiram sendo feitas nesse clima de conversa na porta de casa, despojado, e algumas se sobressaíam em suas falas. Sandra, a mais nova das quebradeiras, era também a única delas que havia provado outra vida. Com o nível de escolaridade maior, viveu em Brasília por um tempo e teve nenhuma vergonha durante a entrevista. A partir do momento em que liguei a câmera, engatou a contar sua história de vida sem que eu nem ao menos tivesse feito a primeira pergunta. Senti que ela era uma mulher de opinião forte, do pensamento avançado para a região, que há muito tempo esperava uma oportunidade para falar o que pensava. Foi a única de todas as entrevistadas que citou a palavra “machismo” em algum contexto (mesmo que receosa, como se estivesse falando algum palavrão) e me fez perceber de maneira mais forte que o papel de dona de casa submissa não tinha mais muito espaço ali.

Figura 7 - Entrevista com Sandra, enquanto as outras mulheres assistem.



Créditos: Beatriz Chaves

Depois do dia produtivo, apesar de ter coletado bastante material à essa altura, decidi que era melhor sobrar do que faltar e fui embora com a promessa de conversar com mais mulheres que Maria iria entrar em contato para mim. Mesmo com a casa dos meus avós à disposição para que eu ficasse os dias seguintes pelos povoados, eu voltava à Presidente Dutra pela necessidade da internet: era preciso atualizar minha orientadora e subir meu material para a nuvem, garantindo que nada se perderia.

Voltei aos povoados na quinta-feira, 29, e ao chegar no terreiro das quebradeiras, Dona Maria não estava; havia saído sem dizer para onde ia e eu não fazia ideia de como começar a procurá-la. Deixei os equipamentos no carro e saí a pé com Dafni, sua neta de 7 anos, que desde o primeiro dia me seguiu e muitas vezes me guiou pelos lugares. Determinada a bater de porta em porta, no meio do caminho escutei coco sendo quebrado mais à frente. Avistei duas quebradeiras num quintal, mas a distância e o barulho não permitiam que elas me escutassem. Sem pensar duas vezes, afastei os arames da cerca farpada e pulei ao encontro delas.

Quem me recebeu foi dona Maria José, uma senhora mais velha, de estatura muito pequena e que ria muito da situação. Pedi desculpas, expliquei meu trabalho e na intenção de mostrar que era confiável, falei que era neta do meu avô. Imediatamente ela disse o nome da minha mãe, com quem eu pareço muito, e disse que eu podia não saber, mas elas eram primas. Depois disso, se dispôs a ajudar como pudesse.

A casa e o terreiro em questão eram de Eleusina, companheira de trabalho de Maria José. Quebradeiras de um outro coqueiral, as duas não faziam parte da cooperativa a qual tive contato antes. Tinham outro ritmo e, ao contrário das entrevistadas anteriormente, não pararam de trabalhar enquanto eu gravava.

Eleusina foi, de longe, a personagem com a história de vida mais sofrida. Receosa no começo, disse que não daria entrevista. Depois, aceitou assistir a gravação com Maria José para decidir se falaria ou não. Logo no começo de sua fala, trouxe à tona – e foi a única a falar abertamente disso – a relação com seu marido abusivo. Já falecido, ela sentiu-se livre para contar da exploração que sofria ao ter que sustentar o companheiro alcóolatra que em nada ajudava na criação dos seis filhos.

Ao fim da conversa, as duas me indicaram outra casa com uma possível personagem. Aldaires é conhecida entre as outras mulheres por ser muito falante e vaidosa. Assim sendo, não custou nada para que ela topasse a entrevista e se colocasse

frente à câmera. Aldaires era ousada, muitas vezes mudava de papel comigo e me fazia perguntas ao invés de respondê-las. Foi uma entrevista atípica, divertida e um bom fechamento do projeto.

Além delas, senti que uma pessoa em especial merecia espaço no documentário. Dafni, filha de Laene e neta de Dona Maria, mora na Vazante e se deslumbrou com o que eu estava fazendo. Aprendeu a mexer no gravador de áudio, no tripé e na câmera, e se comportava como minha assistente pessoal.

Figura 8 - Eu, Maria José e Dafni.



Créditos: Beatriz Chaves

Desinibida, falava com todos por onde passava e me introduzia à qualquer pessoa dos povoados. Por ter apenas 7 anos, modifiquei algumas perguntas que não fariam sentido para ela e a fiz falar um pouco sobre seus sonhos e vontades. Foi visível e emocionante, ao final da nossa conversa, a diferença de futuro que ela enxerga para si.

6.3 Pós-produção

6.3.1 Edição do material audiovisual

Ainda no Maranhão, comecei a pesquisar possíveis contatos que pudessem me ajudar na edição do webdocumentário. Sem experiência, não existia a possibilidade de tratar do material sozinha e eu precisava de alguém o quanto antes.

Por indicação de amigos da própria Faculdade de Comunicação, entrei em contato com Isabelle Araújo, graduada em Audiovisual pela Universidade de Brasília. Com família de raízes nordestinas, Isabelle já havia viajado ao interior de Pernambuco e entendia bem o cenário do sertão nordestino. Além disso, já tinha feito um filme-ensaio sobre sua avó, o que me fez ter certeza de que ela teria sensibilidade e noção do contexto do meu projeto.

Logo que cheguei em Brasília, nos conhecemos e passei à ela todo o material que havia coletado. Criamos pastas conjuntas no Google Drive para que pudéssemos decupar e montar o documentário. Na passagem dos vídeos para o computador, a maior da entrevistas, a da minha avó Mundica, se perdeu; o arquivo foi corrompido e não conseguimos recuperar. Por ter sido a primeira entrevista, já havia apagado o arquivo da câmera e a sorte foi ter trechos gravados pela segunda câmera e o áudio inteiro intacto, o que permitiu montar partes da entrevista com apenas a voz e imagens de fundo. Toda a edição foi feita com o programa Adobe Premiere.

Desde o começo, a intenção era dividir os vídeos por temas que, em especial, fossem referentes ao feminino. A entrevista também foi pensada para que uma pergunta não dependesse da outra e os temas pudessem ser vistos tanto juntos quanto separados. Conversando com Isabelle, chegamos em um consenso de juntar alguns temas relacionados para diminuir a necessidade de mais vídeos, que sozinhos poderiam ficar pequenos demais e sem sentido, de modo que eles foram organizados da seguinte forma:

Vídeo 01 – Quem e Onde

É o vídeo do contexto. Com mais ênfase na imagem, as entrevistas entram em segundo plano, pois a atenção está no ambiente. São mostradas imagens da estrada,

das casas do povoado, do trabalho das quebradeiras de coco, seguidas por uma breve introdução de cada personagem.

Vídeo 02 – Infância

Focado na primeira parte da vida de cada uma, nesse vídeo descobrimos a relação delas com suas famílias e suas primeiras responsabilidades dentro e fora de casa. No caso de Dafni, a pequena de 7 anos, o vídeo aborda sua vida atual.

Vídeo 03 – Educação e Trabalho

Por serem diretamente relacionados, educação e trabalho foram dois temas a serem apresentados juntos. Aqui, as personagens falam sobre seu período – ou a falta dele – na escola, o abandono dos estudos e o tem hoje como profissão.

Vídeo 04 – Casamento e Sustento

Nesse vídeo, a ligação entre casamento e renda familiar é colocada sob a luz. Além de conhecer sobre o lado das relações amorosas das personagens, o casamento se mostra como parte fundamental do sustento delas, uma vez que algumas são dependentes financeiramente do marido.

Vídeo 05 - Filhos

Ser mãe é uma parte muito grande da vida de cada uma, especialmente das mais velhas, que tiveram muitas crianças. Detalhes sobre a gestação, o acompanhamento médico e o parto são abordados aqui. Uma visão geral da maternidade e suas responsabilidades no contexto em que vivem.

Vídeo 06 – Ser mulher

Último vídeo do webdocumentário, é o que carrega a pergunta central: o que é ser mulher? A ideia do feminino, de como o gênero influencia e molda suas vidas, das diferenças entre homem-mulher que elas enxergam e suas opiniões sobre o quão justo são essas relações.

O áudio, gravado separadamente com gravador e microfone de lapela, foi

sincronizado ao vídeo e minha voz, por ter sido captada de longe ou apenas pelo áudio da câmera, em alguns trechos ficou muito fraca. Assim, optamos por legendar todas as minhas perguntas, para que o espectador conseguisse entender tudo sem problemas.

Depois de finalizados, os vídeos foram disponibilizados diretamente no YouTube, plataforma audiovisual gratuita e de fácil acesso.

6.3.2 Site e marca

O projeto nasceu com um nome provisório, uma vez que eu tinha certeza que a viagem poderia trazer novas percepções e ideias. No processo de *naming*, procurei evitar palavras que fossem regionalistas demais, já que, apesar de querer exaltar a cultura maranhense, queria que o nome fosse facilmente compreendido por todos.

Maria surgiu como a representação do feminino; sendo o nome mais comum dado às mulheres no país¹⁷, com 11,7 milhões de brasileiras chamadas assim, criou-se na nossa cultura o costume de chamar qualquer mulher de Maria. A ideia surgiu ao entrevistar duas Marias para o documentário e perceber que todas as mulheres em algum momento da vida podem ser representadas por esse nome. A partir daí, pensei em Marias Mulheres Maranhenses junto à minha orientadora, como um nome sonoro, sem vírgulas, que seria capaz de transmitir também certa poesia.

Paralelo à edição e montagem dos vídeos, comecei a pesquisar qual seria a maneira mais prática de criar a página do projeto. Mesmo antes de decidir de que maneira criaria o site, comprei o domínio no registro.br, para segurar o nome que havia escolhido (projetomarias.com.br).

Através do projeto Sobre Fronteiras, de Nívea Ribeiro, conheci o Html5.up, plataforma que oferece variados templates com código aberto para a criação de páginas web, de graça. Pela qualidade e economia, essa foi a primeira opção que tive em mente. O problema era que, para moldar a página ao meu gosto, era preciso uma noção básica de programação que eu não possuía. Dessa forma, apesar de gostar muito e me inspirar no visual dos templates oferecidos, desisti da ideia.

Para a marca do projeto, já tinha coletado referências, todas em uma vertente mais

¹⁷ Fonte: IBGE. Disponível em: <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/ibge-aponta-os-nomes-mais-comuns-no-brasil-confira-o-seu/> Acesso em 24/11/2016

cordelística, de letras bem desenhadas e fortes. Não queria nada que fosse visto como feminino demais ou que não pudesse ser relacionado ao Nordeste. Entrei em contato com meu amigo Gleydson Lima, diretor de arte, designer e grafiteiro, que se propôs a me ajudar sem custos. Ele desenhou três opções de *lettering* baseado nas nossas conversas sobre a viagem e minhas referências, para que eu escolhesse a que mais me agradasse. A escolha foi feita pela marca em questão seguir as referências, sendo fluida pelos traços mas não necessariamente frágil.

Figura 9 – Marca do projeto



Lettering por Gleydson Lima.

Em meio ao processo de criação da marca, Gleydson me sugeriu que eu utilizasse a plataforma Wix para a criação da página web. Eu já havia tido contato com o Wix há alguns anos e, apesar de achar interessante o oferecimento de templates e hospedagem no mesmo pacote, achava as possibilidades de criação muito limitadas e ultrapassadas. Ainda assim, resolvi olhar novamente e me surpreendi com as mudanças feitas na plataforma ao longo dos anos. As opções agora eram infinitamente maiores e melhores (oferecendo a versão mobile do site), mais bonitas e ainda em conta no quesito preço.

Criei um escopo do site, com todas as informações que deveriam estar lá e em qual ordem, pensando na experiência do usuário ao acessá-lo. Gleydson continuou me

ajudando no aspecto visual, na escolha das melhores fotos e na tipografia. Ao fim, conectei o domínio que já tinha comprado à minha conta recém-criada no Wix e criei a página por lá mesmo.

Figura 10 – Capa do site



Figura 11 – Introdução do projeto no site

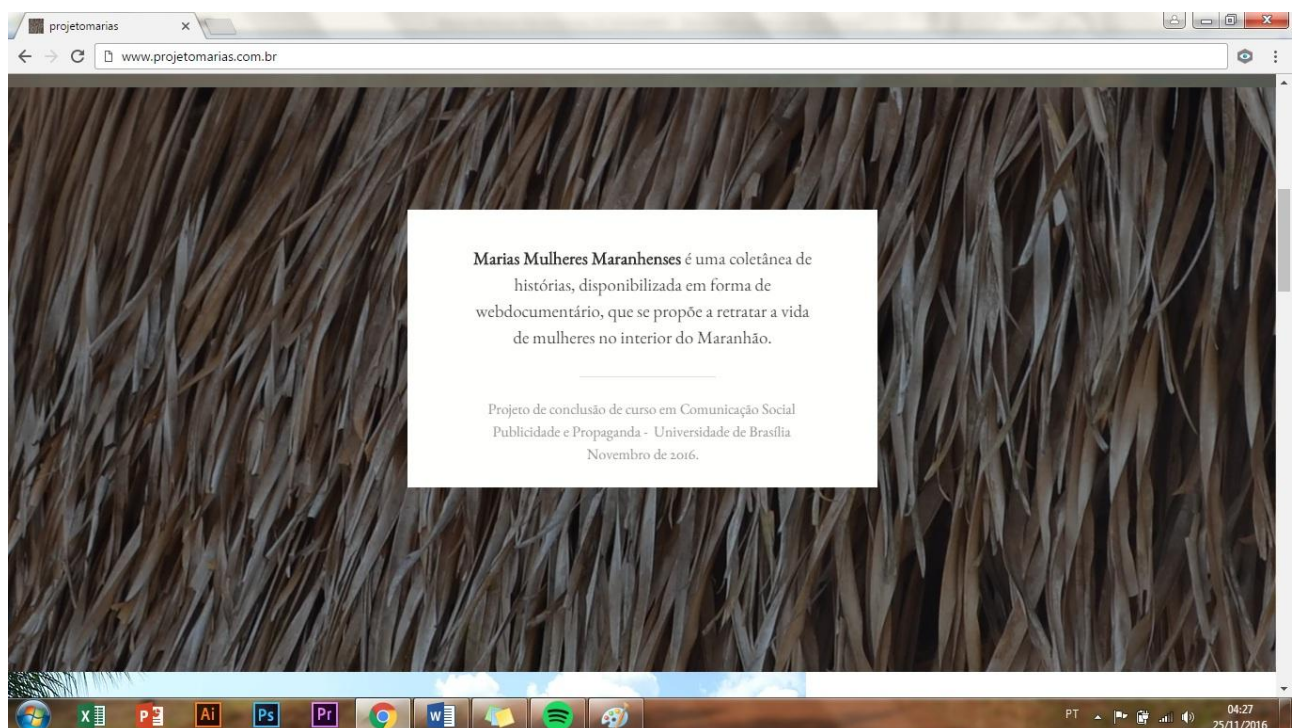


Figura 12 – Introdução do projeto no site



Figura 13 – Sinopse e capa do vídeo “Quem e Onde”

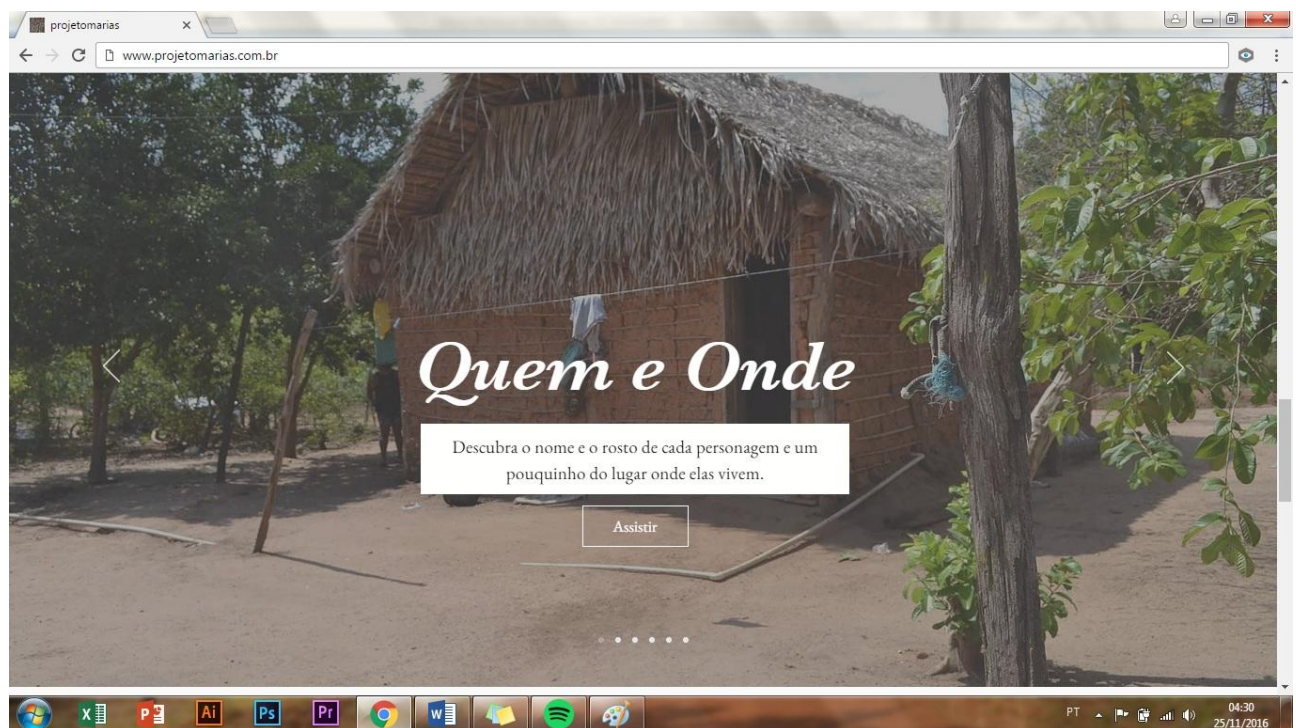


Figura 14 – Sinopse e capa do vídeo “Infância”

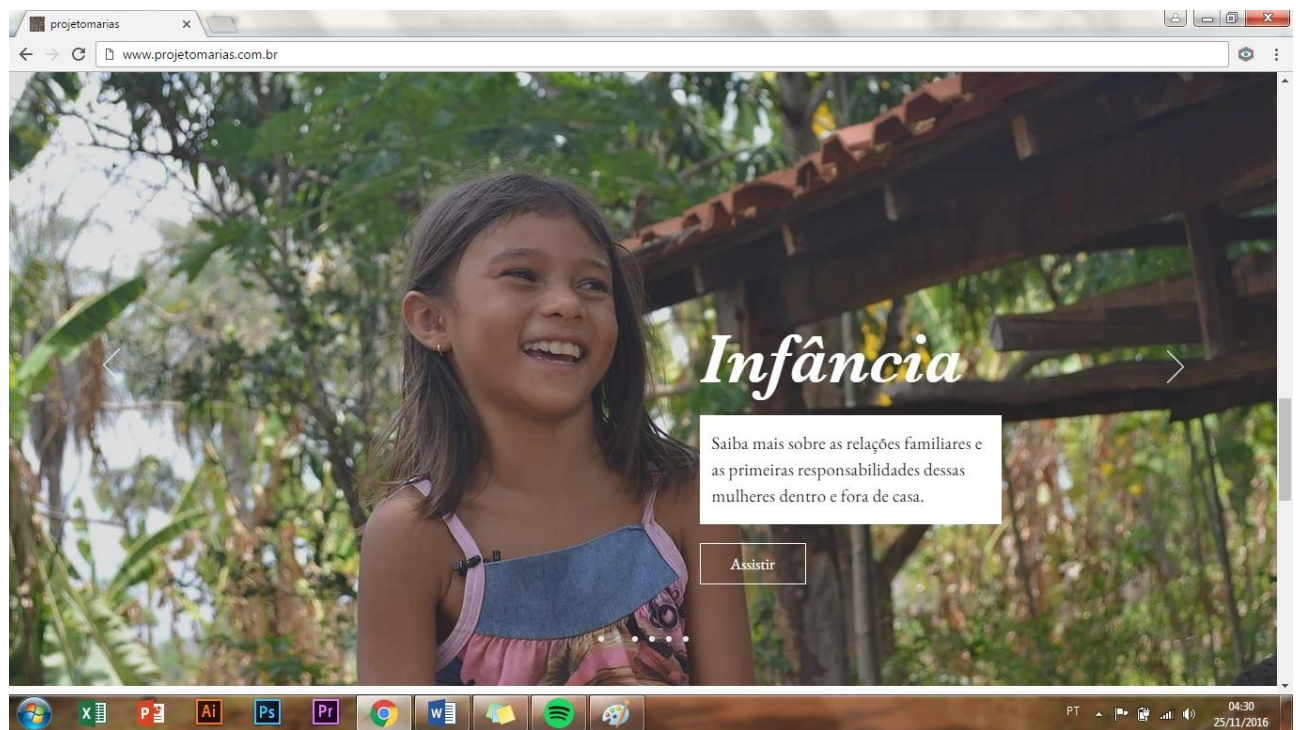


Figura 15 – Sinopse e capa do vídeo “Educação e Trabalho”

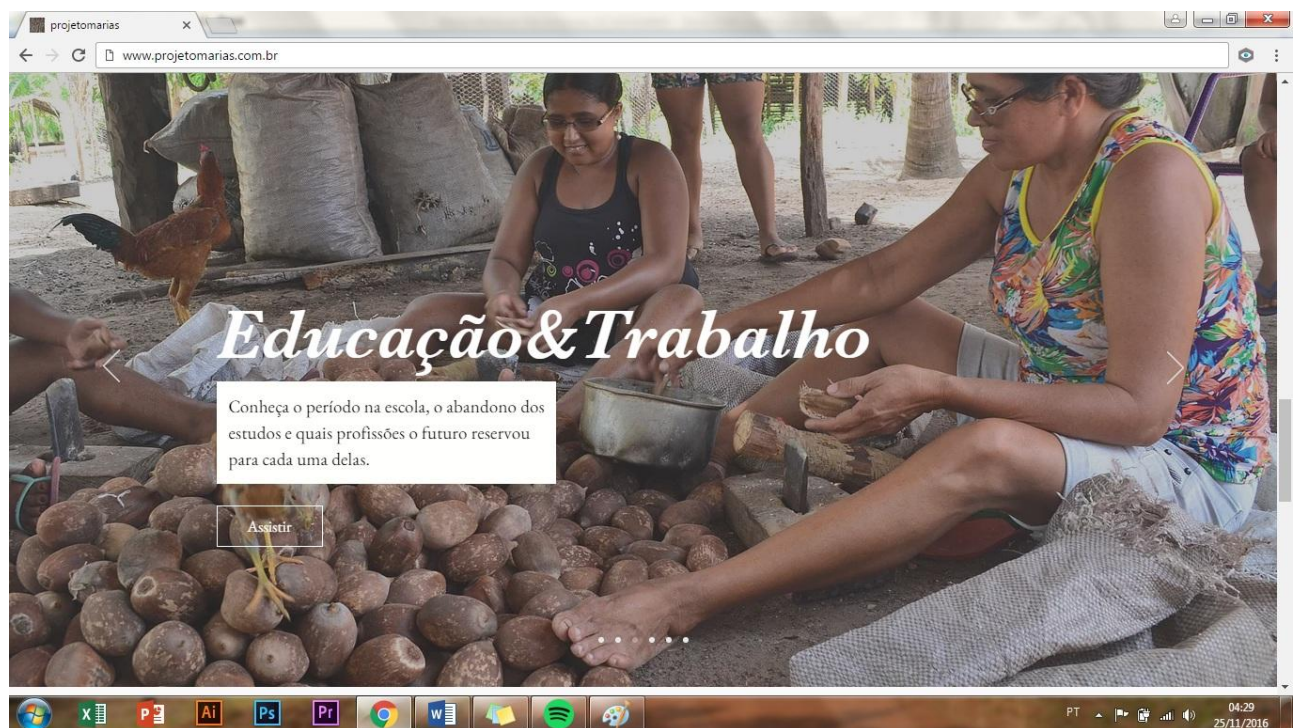


Figura 16 – Sinopse e capa do vídeo “Casamento e Sustento”

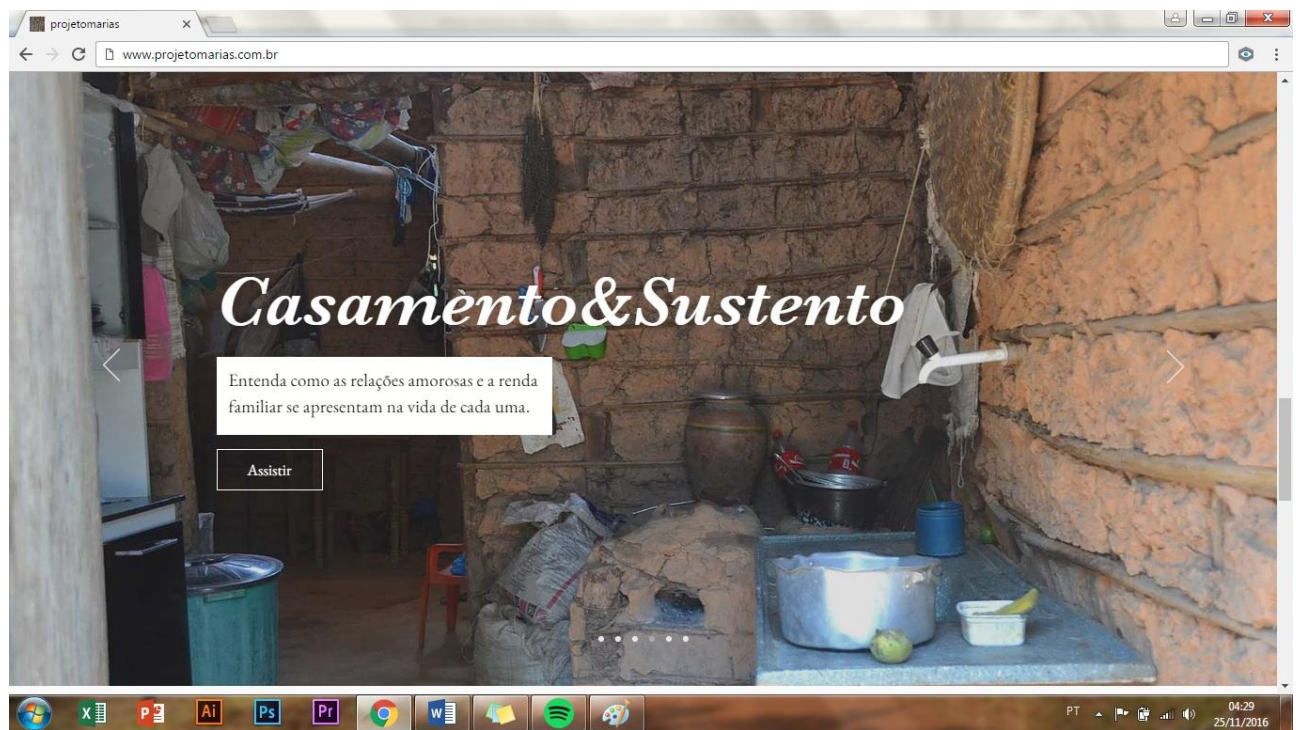


Figura 17 – Sinopse e capa do vídeo “Filhos”



Figura 18 – Sinopse e capa do vídeo “Ser mulher”



Figura 19 – Exemplificação da exibição dos vídeos



Figura 20 – Personagens (as imagens são em formato .gif, ou seja, se movimentam)

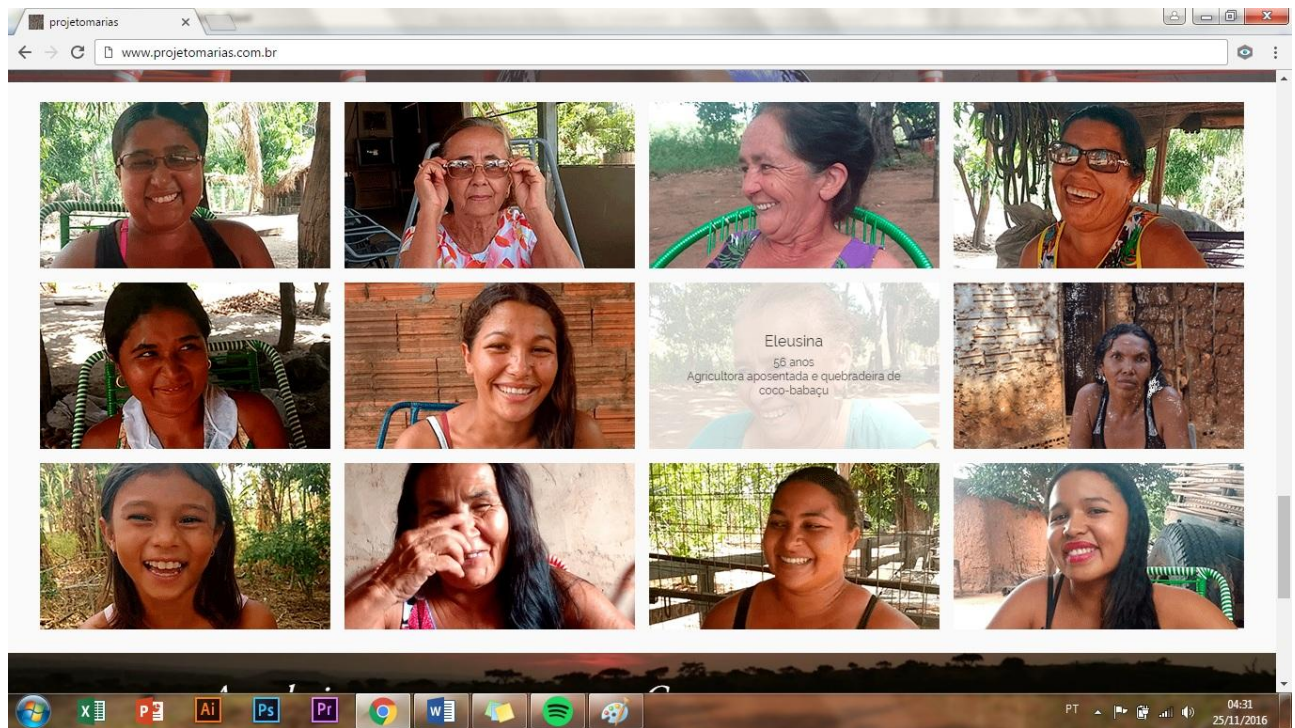
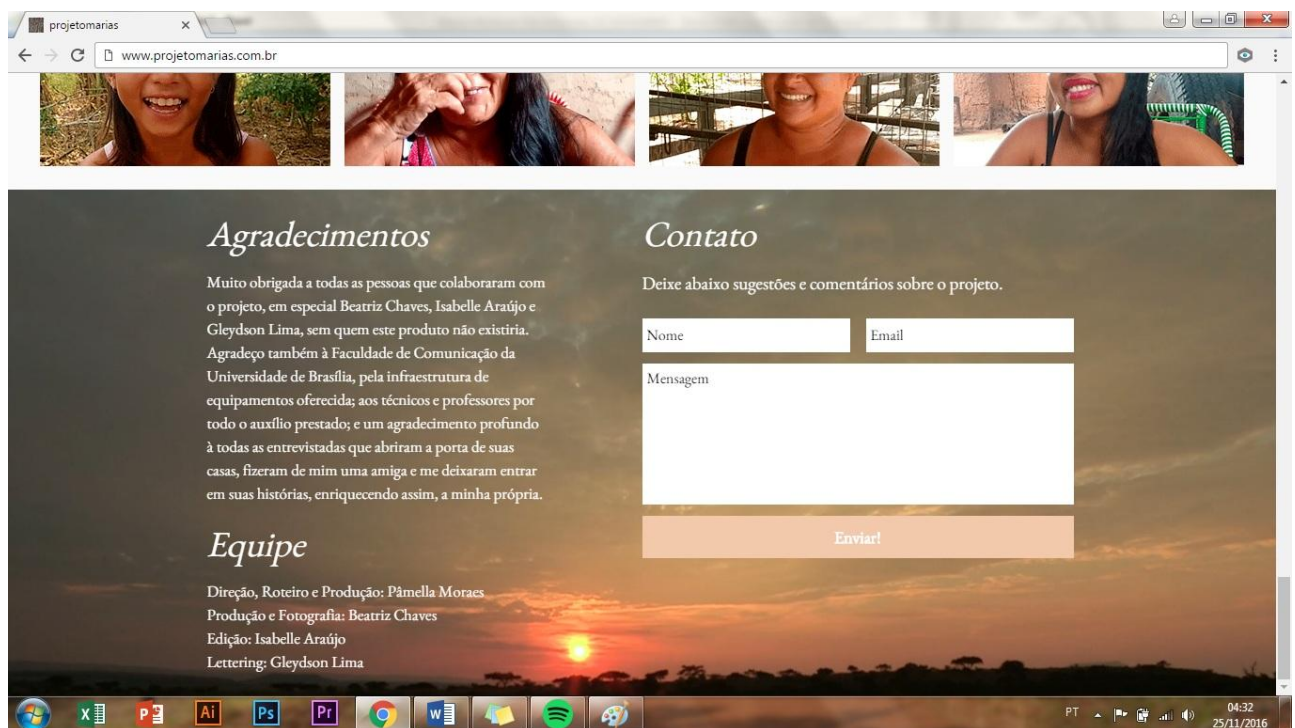


Figura 21 – Rodapé com Agradecimentos, Equipe e Contato



7. RESULTADOS

Ao observar o trabalho finalizado, meses depois da sua filmagem, consigo enxergar meu objetivo principal se delineando por cada vídeo, construindo um registro da memória de mulheres maranhenses a partir de seus próprios relatos.

Apesar das pequenas melhorias que o produto carece, ele cumpre bem seu papel: retrata cada personagem à sua maneira, dando espaço de fala para que elas expressem suas opiniões, busca um olhar sensível para com o feminino, e, principalmente, mostra ao espectador uma realidade antes desconhecida.

Elaborar esse webdocumentário foi um sonho alto, definitivamente um passo maior que a perna, visto que eu não tinha experiência suficiente para levar o projeto adiante sozinha. Tive que aprender em semanas o que pessoas levam meses, anos para se aperfeiçoar e, dentro das minhas possibilidades, com a ajuda de uma equipe competente, fiz um trabalho que me orgulha.

Juntar a paixão pela comunicação ao desejo de que mais pessoas conhecessem sobre o estado que é a origem da minha família foi um desafio que funcionou bem. Consegui me afastar o suficiente para ter um olhar crítico da situação e do produto, sem me distanciar demais ao ponto de enxergar tudo com os olhos de um forasteiro. Também amadureci, deixando meus achismos e arrogância de lado ao passo que percebia o que a realidade ao meu redor me dizia.

A razão pela qual me atrevi a tocar esse projeto também transparece no seu resultado final. A ânsia de contar histórias femininas frequentemente esquecidas ou desvalorizadas é vista em cada pergunta, riso ou silêncio compartilhado com as entrevistadas. Ao final, percebo que além de cumprir meus objetivos acadêmicos, tive nas amizades feitas, nas boas-vindas acaloradas e nos olhares trocados, recompensas ainda maiores.

8. ORÇAMENTO

Passagens áreas (Brasília – Teresina; Teresina – Brasília): R\$ 396,21

Passagem de ônibus (Timon – Presidente Dutra): R\$ 50

Alimentação: R\$ 300

Site (compra de domínio): R\$ 30

Site (hospedagem e programação): R\$ 27

Edição de vídeo: R\$ 800

Custo total: R\$ 1.603,21

9. CRONOGRAMA

Quadro 1

JULHO 2016	AGOSTO 2016	SETEMBRO 2016
Ideias iniciais sobre o projeto, primeiras leituras sobre memória, o estado do Maranhão e suas mulheres.	Mais leituras sobre o tema, contato com a orientadora Dione Moura, leituras e elaboração do projeto como webdocumentário, planejamento da viagem.	Reserva de equipamentos na FAC, contato com minha família no Maranhão, começo do referencial teórico da memória e viagem de produção.
OUTUBRO 2016	NOVEMBRO 2016	DEZEMBRO 2016
Análise do material coletado, contato com a editora Isabelle Araújo, divisão dos temas dos vídeos, criação do nome e contato com Gleydson Lima para criação da marca.	Montagem do site, finalização dos vídeos e criação do canal no Youtube, desenvolvimento da metodologia da memória, convite para a banca e entrega do projeto.	Apresentação para a banca.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Idealizar, escrever, filmar e editar este projeto me trouxeram os mais diversos sentimentos: o autoconhecimento daquilo que é também a minha história, a emoção de enxergar tantas familiaridades em um só lugar, a alegria de conhecer pessoas boas ao longo do caminho, a tristeza perante às injustiças ouvidas.

Nenhum deles, no entanto, foi tão grande quanto a inquietação de querer fazer mais. Percebi que a falta de informações concretas sobre o Maranhão e suas mulheres consegue enganar até quem acredita conhecer a realidade de lá. Por mais que estejamos evoluindo no quesito pesquisa e registro da História das Mulheres, ainda há muito o que se fazer.

É necessário traçar um perfil mais elaborado dessa mulher. Em quais condições elas nascem, como se dão suas infâncias, seu acesso à educação e outros serviços básicos, com o que trabalham e como tudo isso se desenrola diante da discriminação de gênero. Somente a partir disso poderemos moldar estratégias capazes de mudar o cenário e, principalmente, a mentalidade da população quanto às essas relações.

Sei que, estatisticamente falando, a mostra que apresento é ínfima. Não tenho a intenção de definir a mulher maranhense baseada em uma experiência com tão poucas personagens. Ainda assim, acredito que esse registro é uma boa introdução ao assunto.

Tampouco tenho a pretensão de que meu trabalho seja a base para outras pesquisas sobre a cultura feminina maranhense, mas sim que ele seja um incentivo de que é possível, mesmo com um baixo orçamento, explorar as histórias que compõem esse Estado tão incrível.

Deixar esse retrato da memória feminina maranhense foi a parte que me coube, por enquanto. Fica aqui a minha colaboração em mostrar ao mundo que essas mulheres existem, são donas de suas histórias e merecem a oportunidade de contá-las a qualquer um que quiser ouvir os seus sotaques.

11. GALERIA

Figura 22 - Vista área do terreno dos meus avós na Vazante. Créditos: José Carvalho



Figura 23 - O quarto ocupado na casa da minha avó. Créditos: Pâmella Moraes



Figura 24 - Casa de Sandra, no povoado Formosa. Créditos: Pâmella Moraes



Figura 25 - Interior da casa de Sandra. Créditos: Pâmella Moraes



Figura 26 - Babaçal ao fundo do terreiro das quebradeiras. Créditos: Pâmella Moraes



Figura 27 - Pé de babaçu carregado de coco. Créditos: Pâmella Moraes



Figura 28 - Dafni em frente à sua escola, povoado de Formosa. Créditos: Beatriz Chaves



Figura 29 - Entrevista com Dafni, acompanhada de seu irmão Guilherme. Créditos: Beatriz Chaves



Figura 30 - Érica, de 9 anos, quebrando coco. Créditos: Pâmella Moraes



Figura 31 - Gravação da entrevista de Aldaires. Créditos: Beatriz Chaves



Figura 32 – Marca aplicada na foto de Aldaires. Créditos: Beatriz Chaves e Gleydson Lima



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maristela de Paula; REGO, Josoaldo Lima. *História das Mulheres: breve comentário sobre o território e a identidade das quebradeiras de coco babaçu no Maranhão*. São Paulo, Agrária N°3, 2005.

BARBOSA, Viviane de Oliveira. *Histórias de trabalhadores rurais no Maranhão: Gênero, Identidades e Mobilização*. São Paulo, 2008. Disponível em:
<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Seminarios%20Tematicos/ST%2002%20Lidia%20possas%20e%20Andrea%20Borelli/Viviane%20Barbosa.pdf>
Acesso em: 22/08/2016.

BARBOSA, Viviane de Oliveira. *Mulheres do babaçu: gênero, maternalismo e movimentos sociais no Maranhão*. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2013. Disponível em:
<http://www.repositorio.uff.br/jspui/bitstream/1/183/1/Barbosa%2c%20Viviane-Tese-2013.pdf> Acesso em: 22/08/2016.

BARROS, Antonio Evaldo Almeida. *O processo de formação de “identidade maranhense” em meados do século XX*. Sergipe, Revista TOMO N°17, jul./dez. 2010. Disponível em:
<http://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/513/429> Acesso em: 22/08/2016.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CASTELLS, Arnau Gifreu. *El documental interactivo como nuevo género audiovisual*. Barcelona, Universitat Pompeu de Fabra, 2012 Disponível em:
http://agifreu.com/interactive_documentary/TesisArnauGifreu2012.pdf
Acesso em: 21/11/2016.

DE CAMPOS, Marize Helena. *Senhoras Donas: economia, povoamento e vida material em terras maranhenses (1755-1822)*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2008.

FELIZARDO, Adair; SAMAIN, Etienne. *A fotografia como objetivo e recurso da memória*. Londrina, 2007. Disponível em:
<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1500/1246>
Acesso em: 15/08/2016.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Centauro, 2004.

MESQUITA, Benjamin Alvino de. *As mulheres agroextrativistas do Babaçu: a pobreza a serviço da preservação do meio ambiente*. São Luís, Revista de Políticas Públicas jan./jul., 2008. Disponível em:
<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/3835/1966>
Acesso em: 21/08/2016

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. São Paulo, Proj.História, 1993.
Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>
Acesso em: 19/08/2016.

SANTOS, Tamires Rosy Mota; BORBA, Poliana. *Leis de terras 1850 (Brasil) e 1969 (Maranhão) e suas consequências para povos e grupos sociais tradicionais: contextualizações, diferenças e semelhanças, uma perspectiva histórica*. São Luís, UFMA, 2012. Disponível em: <http://www.gedmma.ufma.br/wp-content/uploads/2014/02/artigo-Tamires-Rosy-Mota-Santos-e-Poliana-III-SEDMMA.pdf> Acesso em: 21/11/2016.

SCOTT, Russel Parry. *Ruralidade e Mulheres responsáveis por domicílios no norte e nordeste*. Florianópolis, Estudos Feministas mai./ago., 2007. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n2/a09v15n2> Acesso em: 22/08/2016.

SUZIKI, Julio Cesar; SOARES, Fernando Custódio. *Fotografia e História Oral: Imagem e memória na pesquisa com comunidades tradicionais*. Santa Maria. Agricultura, Desenvolvimento Regional e Transformações socioespaciais. UFSM, 2009.

THOMSON, Alister. *Recompondo a memória - Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias*. São Paulo, Proj. História, 1997.

TOMAIM, Cassio dos Santos. *O documentário como chave para a nossa memória afetiva*. Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, Brasil, jul./dez.

2009. Disponível em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/259/252>. Acesso em: 03/09/2016.

REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

Human. Direção: Yann Arthus-Bertran. França, 2015.

Disponível em: <http://www.thehumanproject.us/>

Acesso em: 19/08/2016

Maranhão 66. Direção: Glauber Rocha. Brasil, 1966.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t0JJPFruhAA>

Acesso em: 23/11/2016.

Sobre Fronteiras. Direção: Nívea Ribeiro. Brasil, 2014.

Disponível em: fronteirasdoc.com

Acesso em: 20/07/2016

Transposição. Direção: Isabela Resende e Mariana Pedroza. Brasil, 2015.

Disponível em: <https://vimeo.com/185891704>

Acesso em: 17/08/2016